

# O BRASIL VISTO DE FORA

Organização

Eduardo Munhoz Svartman  
Luciana Wietchikoski

Os *think tanks* e as representações sobre o Brasil num mundo em mudança (2000-2020)



**Fundação Konrad Adenauer** é uma fundação política da República Federal da Alemanha que, naquele país e no plano internacional, vem trabalhando em prol dos direitos humanos, da democracia representativa, do Estado de Direito, da economia social de mercado, da justiça social e do desenvolvimento sustentável. Os principais campos de atuação da Fundação Konrad Adenauer são a formação política, o desenvolvimento de pesquisas aplicadas, o incentivo à participação política e social e a colaboração com as organizações civis e os meios de comunicação. A Fundação Konrad Adenauer está no Brasil desde 1969 e atualmente realiza seu programa de cooperação internacional por meio da Representação no Brasil, no Rio de Janeiro, trabalhando em iniciativas próprias e em cooperação com parceiros locais. Com suas publicações, a Fundação Konrad Adenauer pretende contribuir para a ampliação do debate público sobre temas de importância nacional e internacional.

[adenauer-brasil@kas.de](mailto:adenauer-brasil@kas.de)  
[www.kas.de/brasil](http://www.kas.de/brasil)



# O BRASIL VISTO DE FORA

**Organização**

Eduardo Munhoz Svartman  
Luciana Wietchikoski

Os *think tanks* e  
as representações  
sobre o Brasil num  
mundo em mudança  
(2000-2020)

EDITORA RESPONSÁVEL

Anja Czymmeck

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Reinaldo Themoteo

ORGANIZAÇÃO

Eduardo Munhoz Svartman

Luciana Wietchikoski

REVISÃO

Giselle Moura

PROJETO GRÁFICO

Daniela Knorr

*Capa e aberturas* - Mosaico de mapas do Brasil, inspirado em pintores brasileiros.



Detalhe da obra *Famille d'un Chef Camacan se préparant pour une Fête de Jean-Baptiste Debret*

Credito: Jean-Baptiste Debret, Public domain, via Wikimedia Commons

Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Famille\\_d%27un\\_Chef\\_Camacan\\_se\\_pr%C3%A9parant\\_pour\\_une\\_F%C3%AAt\\_e.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Famille_d%27un_Chef_Camacan_se_pr%C3%A9parant_pour_une_F%C3%AAt_e.jpg)>. Acesso em 10/01/2022.

IMPRESSÃO

Oficina de Livros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

B823 O Brasil visto de fora : os think tanks e as representações sobre o Brasil num mundo em mudança (2000-2020) / organização Eduardo Munhoz Svartman e Luciana Wietchikoski. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Konrad Adenauer Stiftung, 2021. 144 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-89432-12-8

1. Institutos de pesquisa. 2. Ciência política.  
3. Planejamento político. 4. Política econômica.  
I. Svartman, Eduardo Munhoz. II. Wietchikoski, Luciana.  
III. Título.

CDD 327.17

**As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores.**

Todos os direitos desta edição reservados à

© 2021, Konrad Adenauer Stiftung e.V.

Fundação Konrad Adenauer

Rua Guilhermina Guinle, 163 • Botafogo • CEP: 22270-060 • Rio de Janeiro • RJ • Brasil

Tel: (+55/21) 2220-5441 • Fax: (+55/21) 2220-5448

# SUMÁRIO

**Introdução**

5

**1. De Parceria Estratégica a Potência do Caos: o Brasil segundo os *Think Tanks* Europeus (2003-2021)**

11

*Fernando Preusser de Mattos  
Bruna Rohr Reisdorfer*

**2. “Tamanho não é documento” – o status internacional do Brasil na perspectiva de *Think Tanks* britânicos**

47

*Daniel Buarque  
Vinicius Mariano de Carvalho*

**3. O Brasil visto pela Rússia: representações russas sobre o Brasil de 2000 a 2020**

81

*Alexandra Arkhangelskaya  
Boris P. Zabolotsky  
Fabiano P. Mielniczuk*

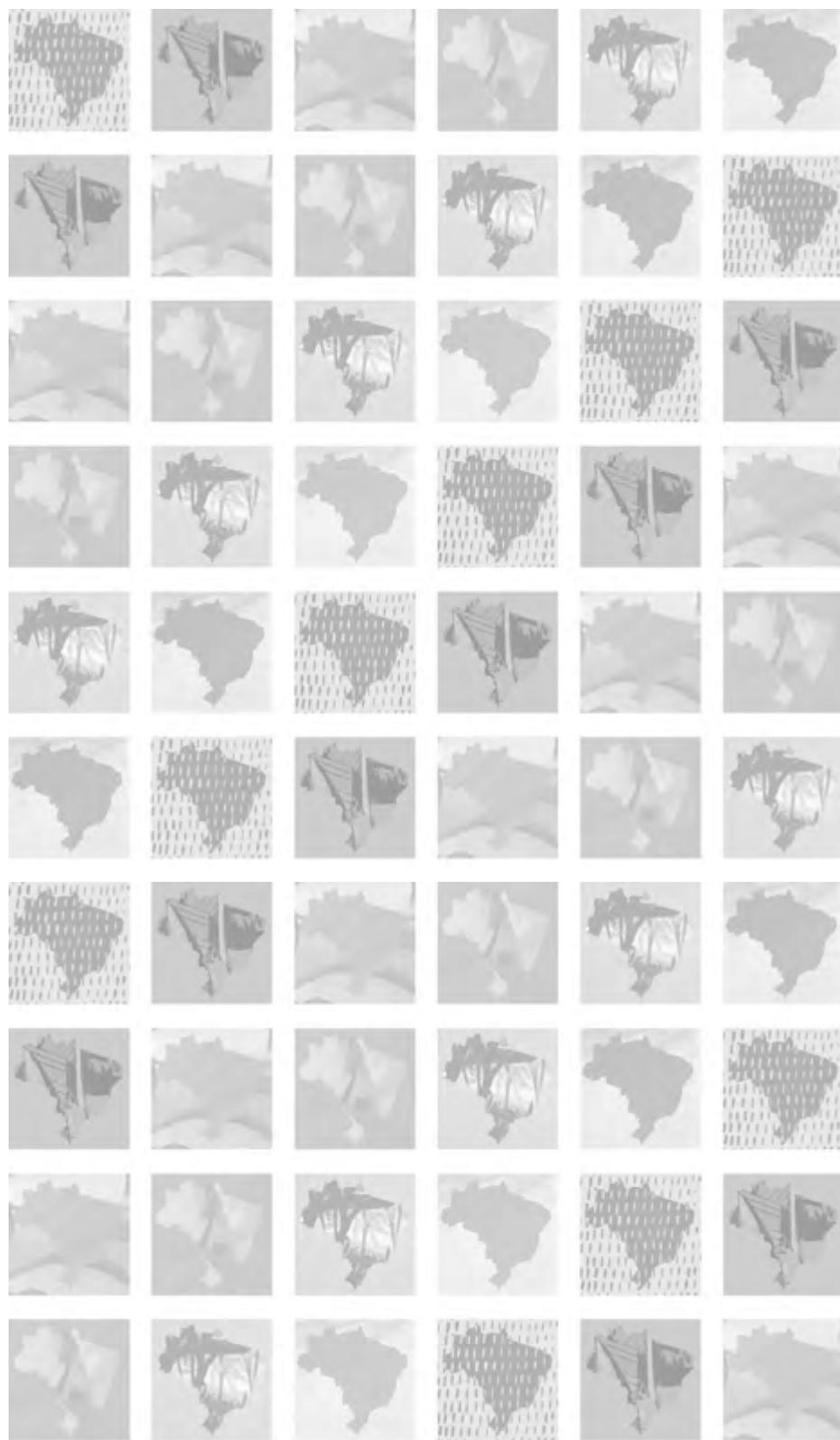
**4. Os *think tanks* chineses e o Brasil: avanços e recuos de uma parceria do Sul Global**

105

*Luciana Wietchikoski  
Eduardo Munhoz Svartman*

**Conclusão**

139



# Introdução

Mudanças importantes estão em curso no cenário global. Destacamos a constituição de múltiplos polos de poder, o maior protagonismo de países do Sul Global, o deslocamento do centro de gravidade da economia mundial em direção à Ásia, a urgência conferida aos problemas ambientais e a emergência de valores que desafiam as democracias liberais. A pandemia de Covid-19, que nos aflige desde 2020, alterou a vida cotidiana no mundo inteiro e expôs os limites dos mecanismos de cooperação e governança internacional em tempos de crise. Nesse contexto, modelos e princípios distintos estão em competição. Por um lado, verifica-se a manutenção dos pilares do livre-comércio, multilateralismo, cooperação, resolução pacífica de controvérsias e da defesa da democracia liberal e dos direitos humanos. Por outro, observa-se o crescimento de práticas protecionistas e de ações unilaterais e refratárias à democracia, aos direitos humanos e às agendas de governança de desafios globais como o das mudanças climáticas. Neste último modelo, destaca-se, inclusive, o protagonismo de países que foram centrais na própria construção e manutenção do ordenamento do pós-1945. Nos últimos anos, lideranças de extrema direita adquiriram maior peso eleitoral em várias regiões do mundo, inclusive na Europa e nos Estados Unidos, o que tem alimentado um importante debate a respeito da qualidade e do futuro da democracia em vários países. Tantas mudanças, agendas e interesses simultâneos e contraditórios consistem em grandes desafios para se pensar os rumos do ordenamento internacional no século XXI.

Em meio a este cenário, diferentes políticas adotadas pelo Brasil conduziram-no ao centro de várias dessas questões. Nos anos 2000, amparado por um ciclo de crescimento econômico e redução de desigualdades sociais, o Brasil buscou consolidar-se como um ator global. Empenhou-se na

construção de novas coalizões em organizações internacionais, como BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), G-20 Comercial e IBAS (Índia, Brasil e África do Sul), na criação de novos espaços de concertação regional, como a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), e na mobilização em favor da reforma dos organismos internacionais. Paralelamente, o Brasil intensificou sua presença na África, no Oriente Médio e no leste da Ásia, ampliou sua participação em missões de paz das Nações Unidas e deu início a vários programas de produção de sistemas de armas modernos com parceiros internacionais. Tal protagonismo, ao mesmo tempo ancorado na promoção de uma ordem multipolar e no compromisso com os valores fundamentais da ordem estabelecida, alimentou uma rica literatura acadêmica a respeito do Brasil como “potência emergente” e chamou a atenção de dirigentes e estrategistas de vários países.

Contudo, a projeção brasileira perdeu impulso de forma evidente depois de 2014 e foi significativamente alterada com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Desde então, o Brasil distanciou-se da agenda de reformas das instituições multilaterais, deixou de colocar-se como um construtor de pontes entre os interesses dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, esvaziou a UNASUL e modificou suas posições em fóruns internacionais dedicados à promoção dos direitos humanos, do desenvolvimento social e da preservação ambiental.

Ainda assim, o Brasil permanece um ator e um interlocutor obrigatório em diferentes esferas da governança global. É uma das dez maiores economias do mundo e a maior e mais diversificada da América Latina, sendo também o país responsável por grande parte do fornecimento global de grãos e proteína animal. Abriga 60% do território da maior floresta tropical do mundo, há décadas utiliza fontes de energia renováveis e possui uma população diversa social e culturalmente, o que o credencia como um ator fundamental no tratamento das mudanças climáticas, na preservação do meio ambiente e na garantia de direitos dos povos e comunidades tradicionais. Na esfera da saúde pública global, profundamente abalada pelos impactos da pandemia de Covid-19, o seu Sistema Único de Saúde assegura posição de destaque internacional ao país em virtude do acesso universal, integral e gratuito e da capilaridade dos serviços públicos prestados à população de 213 milhões de habitantes.

Para os países que interagem com o Brasil, decifrar a evolução da sua conduta em um ambiente de tantas mudanças é um desafio complexo,

porém necessário para a definição de suas políticas, sejam elas no âmbito das relações bilaterais ou dos espaços, novos e antigos, de concertação política internacional. Assim, partindo dessa conjuntura de mudanças globais e reposicionamentos brasileiros, neste livro nos interrogamos a respeito de como a evolução política doméstica e externa do Brasil tem sido representada em importantes organizações envolvidas no debate público politicamente orientado de potências centrais tradicionais (a União Europeia e o Reino Unido) e de dois grandes “novos” atores nas relações internacionais contemporâneas, a China e a Rússia. Mais especificamente, procuramos responder às seguintes perguntas: Como o Brasil é representado pelos *think tanks* das principais potências euro-asiáticas? Nesses espaços, como é percebida a relação do Brasil com as diferentes propostas de ordem internacional em disputa no século XXI? E, por fim, qual é o papel atribuído pelos *think tanks* ao Brasil neste mundo em mudança? Essas questões serão respondidas a partir de quatro grandes eixos temáticos: (1) políticas externa e de defesa; (2) democracia e direitos humanos; (3) desenvolvimento econômico; e (4) meio ambiente.

Dois esclarecimentos sobre as perguntas e o conseqüente desenho desta obra são necessários. Primeiro, o nosso foco nos *think tanks* e não nas estratégias ou ações adotadas pelos respectivos países e pela União Europeia. Com uma multifacetada rede de contatos e interações entre políticos, burocracias estatais, empresários, acadêmicos e jornalistas, os *think tanks* são organizações que cada vez mais se fazem presentes no debate público global e doméstico. Dispondo, como princípio de legitimidade, da expertise de seus quadros, os *think tanks* promovem ideias e agendas políticas específicas com o objetivo de influenciar a formulação de políticas públicas, bem como fornecem recomendações específicas tanto ao setor público quanto ao setor privado. Julgamos que, num ambiente de incerteza elevada, decorrente das várias mudanças em curso, seja particularmente relevante compreender as diversas representações construídas e disseminadas pelos diferentes atores a respeito uns dos outros e como se dá a modelagem do debate público e sua influência sobre os processos decisórios. Logo, os *think tanks* são um espaço privilegiado para se identificar as diferentes visões em circulação e em disputa a respeito de um país em outro. Isso porque essas organizações desenvolvem um conjunto relativamente similar de atividades dentro e fora de suas sedes. Conforme as características de cada sistema político, desenho institucional e tradição cultural, os *think tanks* apresentam informações, interpretações e recomendações aos

tomadores de decisões por meio de livros, artigos e *policy papers* ou em reuniões junto ao Legislativo ou a órgãos colegiados; organizam eventos para discutir temas determinados; promovem ideias e agendas em redes formadas pela elite política, dos negócios, da mídia e do meio intelectual e buscam atuar ativamente nas mídias nacionais e internacionais, posicionando-se como intérpretes das questões políticas em pauta. Além disso, em determinados casos, a cada ciclo político, acolhem e fornecem quadros a governos.

O segundo esclarecimento diz respeito à escolha dos casos que compõem este estudo. Nosso objetivo é identificar como o Brasil tem sido visto por duas potências ditas estabelecidas ou incumbentes (União Europeia e o Reino Unido, que recentemente desmembrou-se da última) e por duas potências que retomam o seu protagonismo internacional, a China e a Rússia. Ao longo dos últimos anos, Eduardo Svartman e Luciana Wietchikowski publicaram vários trabalhos abordando as visões dos *think tanks* estadunidenses sobre o Brasil, o que nos levou a estender o horizonte de análise para os casos selecionados e a optar por não incluir os Estados Unidos nesta coletânea. Alguém poderia indagar por que não investigar as visões a respeito do Brasil na América do Sul ou, ainda, na Índia e África do Sul, parceiros brasileiros tanto no IBAS quanto no BRICS. Nossa opção foi permanecer junto à linha de fratura entre aquelas potências e apostar que as pesquisas aqui apresentadas inspirem trabalhos que abordem outros países com os quais o Brasil possui relações e interesses.

Ao definirmos o tema e o recorte, procuramos engajar colegas com experiência no estudo de *think tanks* e/ou nos países selecionados, que estivessem em diferentes momentos de suas trajetórias acadêmicas e que tivessem também abordagens distintas. Assim, organizamos esta coletânea com a seguinte estrutura. No primeiro capítulo Fernando Preusser de Mattos e Bruna Reisdoefer demonstram como os *think tanks* da União Europeia mudaram suas representações a respeito do Brasil, deixando de descrever o país como parceiro estratégico e passando a defini-lo como um ente desestabilizador. Daniel Buarque e Vinicius Mariano de Carvalho empregam entrevistas em profundidade com quadros de *think tanks* britânicos para demonstrar que, apesar dos anos de maior protagonismo internacional e de indicadores objetivos de poder, não houve superação das visões arraigadas nos meios britânicos que conferem ao Brasil pouca relevância ou seriedade. Alexandra Arkhangelskaya, Boris Zabolotsky e Fabiano Mielniczuk nos mostram a relativa desimportância do Brasil nos

debates russos, situação levemente alterada com a criação dos BRICS, mas que permanece atrelada à demonstração dos efeitos danosos da influência dos Estados Unidos em outros países. Por isso, o Brasil é descrito na Rússia como um parceiro instável e circunstancial. Luciana Wietchikoski e Eduardo Munhoz Svartman debruçam-se sobre os *think tanks* chineses, assim como as organizações russas, tema até agora quase inexplorado no Brasil. No capítulo, identificam como o Brasil foi descrito como um parceiro relevante do Sul Global em questões de governança global e como essa avaliação recuou para a condição de uma agenda comercial mais restrita.

Os estudos aqui reunidos permitem perceber o Brasil e sua inserção internacional recente a partir dos prismas dos interesses de potências centrais e de diferentes atores que os vocalizam. Permitem, ainda, entender melhor o desenho das políticas desses países para o Brasil e constituem uma ferramenta importante para ajudar a avaliação estratégica e a formulação da política brasileira para estes países e para os fóruns internacionais nos quais o Brasil interage com eles.

Por fim, gostaríamos de encerrar esta introdução agradecendo à Fundação Konrad Adenauer (KAS), que gentilmente apoiou nossa proposta de livro. Historicamente, a KAS tem um compromisso internacional com o fortalecimento da paz, da liberdade, da segurança e da cooperação entre as nações. Acreditamos que, além de apresentar pesquisas originais e de relevância acadêmica, este livro tem o mérito de aferir como alguns desses princípios são mobilizados na produção de representações a respeito do Brasil num contexto marcado pela mudança e contestação de alguns desses valores.

*Eduardo Munhoz Svartman*

*Luciana Wietchikoski*

## Sobre as autoras e os autores

**Alexandra Arkhangelskaya** é doutora em Relações Internacionais e pesquisadora do Instituto de Estudos Africanos da Academia Russa de Ciências Sociais. Seus interesses de pesquisa envolvem o desenvolvimento dos BRICS, potências emergentes, África Austral e relações internacionais da Rússia.

**Boris P. Zabolotsky** é doutorando em Ciência Política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e investiga as relações entre o Ocidente e a Rússia no pós-Guerra Fria a partir de uma perspectiva teórica pós-estruturalista.

**Bruna Rohr Reisdorfer** é doutoranda em Estudos Estratégicos Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizou estágio de pesquisa na Cátedra de Estudos Europeus e Relações Internacionais da Julius-Maximilians Universität Würzburg. Pesquisa os seguintes temas: cooperação em Defesa na Europa, Integração Regional, Política de Defesa Brasileira e Segurança Internacional.

**Daniel Buarque** é doutorando em Relações Internacionais pelo programa de doutorado conjunto do Kings College London e do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP). É jornalista e pesquisa temas relacionados à percepção externa do Brasil, imagem do país, *nation branding* e política externa brasileira.

**Eduardo Munhoz Svartman** é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e presidente da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED). Pesquisa e orienta na pós-graduação sobre *think tanks*, pensamento estratégico, políticas de defesa nacional e relações civis-militares.

**Fabiano Pellin Mielniczuk** é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e foi coordenador de pesquisas do BRICS Policy Center da PUC-Rio. Suas áreas de interesse são: Teoria Política e Teoria de Relações Internacionais; Relações Internacionais da Rússia, do Espaço da Antiga URSS e da Europa; BRICS.

**Fernando Preusser de Mattos** é doutor em Ciência Política pela Universität Hamburg e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi PhD Fellow do Institute for Peace Research and Security Policy at the University of Hamburg (IFSH) e bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) durante a realização do doutorado pleno no exterior. Suas áreas de pesquisa e atuação incluem relações Brasil-União Europeia, segurança internacional e desenvolvimento sustentável.

**Luciana Wietchikoski** é doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realiza pós-doutorado junto à Universidade Federal de Santa Catarina. Investiga os seguintes temas: as construções internacionais de ideias sobre o Brasil, *think tanks* em perspectiva comparada e política externa dos Estados Unidos para a América Latina.

**Vinícius Mariano de Carvalho** é diretor do Kings Brazil Institute, vice-decano internacional da Faculty of Social Science & Public Policy (SSPP) e reader no Department of War Studies do Kings College London. Tem experiência nos seguintes temas: Estudos brasileiros e latino-americanos, Relações Civil-Militares, Operações de manutenção da paz e políticas de defesa.